



POÉTICAS AFROFUTURISTAS: ENTRE UTOPIA, DISTOPIA E FICÇÃO CIENTÍFICA EM *O QUASE FIM DO MUNDO*, DE PEPETELA

*AFROFUTURIST POETICS: BETWEEN UTOPIA, DYSTOPIA AND SCIENCE
FICTION IN O QUASE FIM DO MUNDO, BY PEPETELA*

*POÉTIQUES AFROFUTURISTES: ENTRE UTOPIE, DYSTOPIE ET SCIENCE-
FICTION DANS O QUASE FIM DO MUNDO, DE PEPETELA*

Rodrigo Valverde Denubila

Professor Adjunto da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)

rodrigo.denubila@ufu.br

<https://orcid.org/0000-0002-4935-303X>

DOI

10.35520/mulemba.2026.v18n34e72690

Recebido: 15 fev. 2026

Aprovado: 1 abr. 2026



A Mulemba adota a licença Creative Commons

Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura do romance *O quase fim do mundo* (2008), do escritor angolano Pepetela, à luz do afrofuturismo e das categorias de utopia e distopia. Argumenta-se que a narrativa desloca o imaginário especulativo ocidental para o contexto africano, articulando catástrofe, tecnologia, política e ancestralidade. Para tanto, parte-se de uma síntese conceitual do afrofuturismo, com base em Mark Dery (1994) e Ytasha L. Womack (2013), seguida de breve contextualização interartes, com referências a Pantera Negra (2018) e produções da cultura pop. O eixo analítico central consiste no cotejo entre *O quase fim do mundo* e o conto “O cometa” (1920), de W. E. B. Du Bois, e na leitura do romance por meio dos eixos político, ambiental e tecnológico propostos por Gregory Claeys (2017), articulados à noção de utopianismo pós-colonial de Bill Ashcroft (2017). Conclui-se que o romance de Pepetela metaboliza a negatividade distópica em operação utopianista, propondo a África como lugar de arquitetura do futuro e confirmando a literatura africana em língua portuguesa como espaço de elaboração de futuros possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: afrofuturismo, ficção científica, Pepetela, utopia e distopia, literaturas africanas em língua portuguesa.

ABSTRACT

*This article proposes a reading of the novel *O quase fim do mundo* (2008), by the Angolan writer Pepetela, in the light of Afrofuturism and the categories of utopia and dystopia. It argues that the narrative displaces the Western speculative imaginary into an African context, articulating catastrophe, technology, politics, and ancestry. The analysis departs from a conceptual synthesis of Afrofuturism, based on Mark Dery (1994) and Ytasha L. Womack (2013), followed by a brief interarts contextualization, with references to Black Panther (2018) and other pop culture productions. The central analytical axis consists of a comparison between *O quase fim do mundo* and the short story “The Comet” (1920) by W. E. B. Du Bois, and a reading of the novel through the political, environmental, and technological axes proposed by Gregory Claeys (2017), articulated with Bill Ashcroft’s (2017) notion of postcolonial utopianism. It concludes that Pepetela’s novel metabolizes dystopian negativity into a utopianist operation, proposing Africa as a place for the architecture of the future.*

KEYWORDS: Afrofuturism, science fiction, Pepetela, utopia and dystopia, African literatures in Portuguese.

RÉSUMÉ

*Cet article propose une lecture du roman *O quase fim do mundo* (2008), de l’écrivain angolais Pepetela, à la lumière de l’afrofuturisme et des catégories d’utopie et de dystopie. Il soutient que le récit déplace l’imaginaire spéculatif occidental vers le contexte africain, en articulant catastrophe, technologie, politique et ancestralité. L’axe analytique central consiste en une*

comparaison entre O quase fim do mundo et la nouvelle « The Comet » (1920) de W. E. B. Du Bois, ainsi qu'une lecture du roman à travers les axes politique, environnemental et technologique proposés par Gregory Claeys (2017), articulés à la notion d'utopianisme postcolonial de Bill Ashcroft (2017). Il conclut que le roman de Pepetela métabolise la négativité dystopique en une opération utopianiste, proposant l'Afrique comme lieu d'architecture du futur.

MOTS-CLÉ: afrofuturisme, science-fiction, Pepetela, utopie et dystopie, littératures africaines en langue portugaise.

Introdução

Nas últimas décadas, o afrofuturismo consolidou-se como campo de investigação recorrente nos estudos literários, culturais e artísticos, atravessando debates sobre temporalidade, tecnologia, memória, utopia e crítica racial. A formulação inicial do termo por Mark Dery (1994), no ensaio *Black to the Future*, publicado na coletânea *Flame Wars: The Discourse of Cyberculture*, inaugurou um vocabulário crítico destinado a pensar as intersecções entre cultura afro-diaspórica, ficção científica, tecnocultura e imaginação do futuro. Desde então, o conceito foi progressivamente ampliado, passando a designar não apenas uma estética literária, mas um conjunto heterogêneo de práticas narrativas, artísticas e críticas que interrogam, de modo sistemático, as formas de inscrição do passado colonial e de projeção de futuros possíveis a partir de experiências negras e diaspóricas.

O presente artigo parte de contribuição anterior (Denubila, 2024a; 2024b), na qual se apresentou um mapeamento conceitual e descritivo da poética afrofuturista, articulando ficção científica, ancestralidade, cultura africana tradicional e produções interartes contemporâneas. Aqui, o movimento é outro: deslocamos o foco da descrição do fenômeno para a análise de uma obra literária específica — *O quase fim do mundo* (2008), do escritor angolano Pepetela —, obra que reescreve o repertório utópico-distópico ao deslocar o centro de enunciação para a África e ao expor a coimplicação entre técnica, raça e teologia política. A escolha desse romance responde a uma lacuna no debate sobre afrofuturismo: a escassez de leituras dedicadas a obras de autores africanos de língua portuguesa, território que, como argumentaremos, constitui espaço privilegiado para a elaboração de futuros especulativos.

A hipótese central é a de que *O quase fim do mundo* opera como ficção científica pós-colonial e afrofuturista, na qual a catástrofe global — o “apagamento” da humanidade — funciona simultaneamente como diagnóstico do presente e como dispositivo de imaginação política, articulando o desastre à possibilidade de recomposição comunitária. Para sustentá-la, recorreremos a Fredric Jameson (2005), que compreende a distopia como momento interno do debate utópico; a Gregory Claeys (2017), que sistematiza a distopia por três eixos — político, ambiental e tecnológico —; e a Bill Ashcroft (2017), que desloca a questão utópica para o contexto pós-colonial ao propor o utopianismo como função crítica e antecipatória, isto é, a energia de imaginar o “ainda-não” que opera no interior da obra para transformar o presente.

Organiza-se, assim, a presente reflexão em quatro movimentos: primeiro, uma síntese do arcabouço conceitual afrofuturista, remetendo ao artigo anterior e avançando nas articulações teóricas necessárias; em seguida, uma breve contextualização interartes, examinando como as reivindicações afrofuturistas se materializam na cultura pop; depois, o cotejo entre “O cometa” (1920), de W. E. B. Du Bois, e *O quase fim do mundo*, destacando o papel da catástrofe como dispositivo crítico; por fim, a leitura do romance de Pepetela por meio dos três eixos propostos por Claeys (2017), articulados à função utopianista de Ashcroft (2017).



Poética afrofuturista: síntese conceitual e avanços teóricos

Em reflexão anterior (Denubila, 2024a; 2024b), apresentamos como o afrofuturismo se constitui enquanto fenômeno estético, cultural e político a partir da formulação de Mark Dery (1994) e de suas reapropriações críticas, notadamente em Ytasha L. Womack (2013). Por isso, retomamos aqui, de forma sintética, os eixos argumentativos centrais para avançarmos na discussão teórica que sustenta a análise do romance de Pepetela.

Mark Dery (1994) examina, em *Black to the Future*, as interseções da cultura afro-americana com narrativas de ficção científica, tecnologia e futurismo. O crítico compara a violenta e forçada diáspora das populações africanas à abdução alienígena — temas como captura, roubo, violência e mutilação, presentes nas narrativas de ficção científica, surgem análogos ao tráfico escravocrata¹ (p. 180). O termo afrofuturismo é cunhado para demarcar uma estética cultural emergente que aborda questões de identidade negra e herança cultural africana no contexto de futuros especulativos. A pergunta inaugural do ensaio permanece decisiva: “pode uma comunidade cujo passado foi deliberadamente apagado imaginar futuros possíveis?”² (p. 181).

Ytasha L. Womack (2013) amplia essa formulação ao frisar que tão grave quanto o apagamento dos negros e da cultura africana no discurso historiográfico ocidental é o mesmo apagamento nas projeções futuristas.³ A estudiosa apreende o afrofuturismo como movimento cultural significativo que surge como resposta ao silêncio — produtor das “presenças espectrais” (Vergès, 2023, p. 169) — imposto à representação de negros, da História e cultura de Áfricas, tanto na arte tradicional quanto na ficção científica convencional. A

1 “Isso é especialmente desconcertante à luz do fato de que os afro-americanos, em um sentido muito real, são descendentes dos abduzidos pelos alienígenas; habitam um pesadelo de ficção científica, em que campos de força invisíveis, mas não menos intransponíveis de intolerância frustram seus movimentos; histórias oficiais desfazem o que foi feito; e a tecnologia é muitas vezes aplicada aos corpos negros (marca, esterilização forçada, o experimento de Tuskegee e tasers vêm prontamente à mente). Além disso, o status sublegítimo da ficção científica como gênero pulp na literatura ocidental espelha a posição subalterna à qual os negros foram relegados ao longo da história americana” (Dery, 1994, p. 180, tradução nossa).

2 “A noção de afrofuturismo dá origem a uma antinomia preocupante: pode uma comunidade cujo passado foi deliberadamente apagado, cujas energias foram posteriormente consumidas pela busca de traços legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis?” (Dery, 1994, p. 181, tradução nossa).

3 “Uma coisa é quando pessoas negras não são mencionadas na história mundial. Felizmente, equipes de historiadores dedicados e defensores da cultura [africana] têm combatido a propaganda que frequentemente funciona como história para os estudantes do mundo para erradicar esse erro gritante. Mas quando, até mesmo no futuro imaginário — um espaço onde a mente pode se estender além da Via Láctea para imaginar viagens espaciais rotineiras, animais espaciais fofos, macacos falantes e máquinas do tempo — as pessoas não conseguem imaginar uma pessoa de descendência não europeia cem anos no futuro, é preciso dar um basta cósmico” (Womack, 2013, p. 7, tradução nossa).

ficção científica especulativa torna-se, assim, o gênero literário de predileção de autores afrofuturistas para conectar passado e futuro, lançando luz ao presente.

Fredric Jameson (2005), em *Arqueologias do futuro*, oferece contribuição decisiva ao argumentar que utopia e distopia não são polos estanques, mas mediações dialéticas que historicizam o presente e desbloqueiam alternativas. O crítico entende que a ficção científica desempenha papel fundamental na formação da ideologia e na expansão da imaginação, pois, como adverte, “nossas imaginações são reféns do nosso modo de produção” (p. 16). Tal compreensão conecta-se diretamente ao argumento de Dery (1994) e Womack (2013) sobre os apagamentos na ficção científica tradicional: o que não se registra no aparato narrativo revela as ideologias que estruturam o campo do representável.

Gregory Claeys (2017), em *Dystopia: a Natural History*, sistematiza a distopia por três eixos: o político, que abrange governos autoritários, práticas de segregação e discursos de purificação; o ambiental, referente ao ecocídio e ao colapso da biodiversidade; e o tecnológico, relativo à produção de armas de destruição e às formas de controle e vigilância. Esses eixos serão centrais para a leitura do romance de Pepetela.

Bill Ashcroft (2017), em *Utopianism in Postcolonial Literatures*, desloca a questão utópica ao propor distinção entre utopia — produto, desenho social acabado — e utopianismo — método de crítica e abertura de possibilidades históricas. Interessa menos o “mundo ideal” e mais o trabalho do possível que a literatura aciona. Nessa perspectiva, a distopia deixa de ser antípoda da utopia e se torna seu “outro interno”, forma de diagnóstico que historiciza o presente. Além disso, a reflexão pós-colonial de Ashcroft propõe que, em contextos africanos, imaginar o futuro implica “lembrar o futuro”: rearticular memória e porvir de modo não linear, produzindo temporalidades espiraladas em que a ancestralidade funciona como memória profética.

Reivindicações interartes: da cultura pop ao continente africano

Antes de avançarmos para a análise central, cabe situar brevemente como as reivindicações afrofuturistas se materializam em produções interartes contemporâneas, evidenciando que o fenômeno não se restringe à literatura, mas atravessa cinema, música, artes visuais e moda. Esse trânsito interartes é, aliás, um dos dados constitutivos da poética afrofuturista, conforme argumentamos em trabalho anterior (Denubila, 2024a; 2024b).

Emblemática dessa argumentação entre ciência e tecnologia é a cena final do primeiro *Pantera Negra* (2018), quando o rei T’Challa pronuncia, no plenário da Organização das Nações Unidas, discurso no qual revela a decisão de compartilhar com o mundo parte da tecnologia ultramoderna de Wakanda, centrada no poder do fictício metal Vibranium. Enquanto T’Challa faz o anúncio, representantes reagem com ceticismo e zombaria, refletindo a estereotipia aplicada ao continente africano enquanto espaço alijado da ciência e

da tecnologia. Há, portanto, em um filme de super-herói pensado para as massas, a subversão da exclusão do continente africano como espaço capaz de produzir conhecimento e tecnologia. A película retoma, inclusive, elementos da cultura africana tradicional, como a importância do metal e dos ferreiros, conforme apresenta Amadou Hampâté Bâ (1982), em “A tradição viva”, hibridizando-os com cenários ultratecnológicos.

No âmbito musical, a performance de Beyoncé (2023) em “Cozy”, na *Renaissance World Tour*, dialoga com a obra *Art Is...*, de Lorraine O’Grady (1983), performance no *African American Day Parade*, no Harlem, na qual jovens negros desfilaram segurando porta-retratos dourados vazios, enquadrando espectadores como arte e questionando os regimes de visibilidade que estruturam museus e cânones. Françoise Vergès (2023) entende que o museu opera como espaço de construção da grandeza nacional, grandeza construída, por um lado, pela espoliação de patrimônios colonizados; por outro, pela demarcação valorativa do tipo de representação existente e do tipo excluído.

Esse panorama interartes confirma que o afrofuturismo transcendeu os EUA e se faz presente em outros territórios, especialmente ex-colônias como o Brasil, com Fábio Kabral, Ale Santos e Sandra Menezes (Fonseca; Denubila, 2024) e, como argumentaremos a seguir, em literaturas africanas de língua portuguesa. É precisamente nesse deslocamento — do contexto diaspórico estadunidense para o contexto pós-colonial africano — que a análise de *O quase fim do mundo*, de Pepetela, ganha pertinência e urgência.

“O cometa” e *O quase fim do mundo*: catástrofe como dispositivo crítico

Como primeiro movimento analítico, propomos breve diálogo intertextual entre “O cometa”, de W. E. B. Du Bois (2016), e *O quase fim do mundo*, de Pepetela (2008). Em ambos, a catástrofe opera como dispositivo que historiciza o presente: de um lado, a suspensão momentânea do mundo racializado; de outro, a inscrição tecnopolítica de um projeto eugenista.

No conto de Du Bois, Jim Davis, mensageiro negro em Nova Iorque, sobrevive a um evento cósmico que parece dizimar a cidade. No vazio urbano, encontra Julia, mulher branca, e emerge por instantes um horizonte de suspensão das hierarquias — um *nós* possível que a catástrofe autoriza. Contudo, quando os sobreviventes retornam, a ordem racial se recompõe: a chegada do noivo e do pai de Julia desfaz a fantasia de igualdade, reinscrevendo Jim como “crioulo” e relegando sua agência ao gesto de gratidão monetizado. O fechamento moral é contundente — e expõe que a catástrofe, por si, não emancipa: ela revela a estrutura.

À luz de Bill Ashcroft (2017, p. 67), interessa menos buscar um produto utópico já dado e mais identificar o trabalho do possível que emerge de situações limítrofes, visto que a utopia não é um lugar pronto, mas a energia que impele o presente na direção do seu ainda-não. Em Du Bois, tal energia lampeja e se fecha com a restauração da ordem;

em Pepetela, ao contrário, a escala planetária do desastre obriga os sobreviventes a inventarem procedimentos — regras, repartições, aprendizagens técnicas — que convertem a negatividade distópica em operação de recomposição.

O quase fim do mundo narra o “apagamento”, cataclismo biológico que volatiliza a vida humana em escala planetária, sem vestígios corpóreos. Simba Ukolo, médico africano, descobre-se sozinho em sua cidade de Calpe: ruas, casas, escolas e hospitais estão desabitados, restando apenas roupas e objetos espalhados, sem qualquer sinal de vida humana ou animal. Aos poucos, encontra outros sobreviventes — Geny, mulher devota, Kiari, homem perturbado que repete frases desconexas, e Jude, jovem de dezesseis anos. Esses personagens, reunidos em Calpe — espaço simbólico que funciona como microcosmo do mundo —, tornam-se sujeitos de uma história de refundação. O romance, portanto, não se detém apenas na descrição da catástrofe, mas investiga como esses indivíduos, desprovidos de referências coletivas, lidam com solidão, medo e a necessidade de reconstruir laços sociais e afetivos.

Em contraste com “O cometa”, o “apagamento” em Pepetela tem escala global e se liga a um projeto eugenista tecno-religioso que reivindica pureza racial. Os sobreviventes, reunidos numa cidade africana, negociam conflito e cooperação; a técnica aparece como ameaça (o Feixe Gama Alfa) e como possibilidade de reorganização (cartografia, pilotagem, reativação de infraestruturas). É precisamente nesse deslocamento — do “instante” à “organização” — que o romance radicaliza o problema: a tecnologia deixa de ser puro instrumento imperial e torna-se objeto de disputa e meio de recomposição do comum, aproximando-se do que Ashcroft (2017, p. 67-68) descreve como função antecipatória do utopianismo.

O cotejo permite sustentar três resultados: primeiro, um deslocamento cartográfico — a África não é “futuro dos outros”, mas lugar de arquitetura do futuro; segundo, uma crítica do tecnocentrismo — a retórica da “limpeza” tecnológica se alia à higiene racial e demanda contracondutas comunitárias; terceiro, uma imaginação institucional — o romance dramatiza formas do comum (normas, repartições, cuidados) em que a técnica é politizada e a memória colonial é trabalhada.

Tecnologia, política e ecologia: os eixos da distopia em Pepetela

O quase fim do mundo configura, conforme demarcado, cenário em que poucos sobreviventes se reúnem numa cidade africana que funciona, por metonímia, como laboratório pós-apocalíptico do mundo. Essa configuração permite observar, em chave analítica, três eixos que se imbricam: político, ambiental e tecnológico.

No eixo político, a narrativa expõe ideologia de purificação racial com lastro histórico (nazismo) e atualização contemporânea (nacionalismos, xenofobias), articulada a dispositivos de poder com retórica teológica. A peça central desse projeto aparece num “manuscrito/confissão” de um físico europeu, cuja voz revela a gramática eugenista e o nexos entre ciência, segurança e supremacismo:

O meu nome pouco interessa, apenas o fato de ser físico, cidadão dos Estados Unidos, de origem europeia. Trabalhei durante muito tempo no deserto do Nevada, num complexo de pesquisa ultrassecreto pertencente a um ramo da Agência Nacional de Segurança [...]. A nossa pesquisa girava em torno de armas novas e artefatos para espionagem. Desde sempre me dediquei às chamadas armas de destruição em massa. Sou pois um dos inventores do “Feixe Gama Alfa”, a mais limpa arma de todos os tempos. Tenho muito orgulho em insistir na limpeza da arma, pois o seu feixe não deixa vestígios nem sujeira de espécie alguma, volatilizando as moléculas animais e todos os seus componentes (Pepetela, 2008, p. 312-313).

Tal dispositivo articula a retórica da “higiene” — a arma “limpa” — à purificação étnica, atualizando gramáticas eugenistas que, como lembra Claeys (2017, p. 498), sustentam distopias por naturalização do inimigo e desumanização¹. À luz de Ashcroft (2017, p. 68), interessa notar menos a monstruosidade em si e mais o que ela faz: o manuscrito expõe o mecanismo ideológico que a comunidade sobrevivente terá de desativar.

No eixo ambiental, o romance apresenta imagens de empobrecimento radical da biodiversidade — “mares vazios” e “rios reduzidos ao elementar” — e a fragilidade das infraestruturas urbanas quando subtraídas do trabalho humano. A vida de uma bactéria passa a importar; as abelhas que aparecem causam alegria nos sobreviventes. O “apagamento” funciona como hipóbole crítica do colapso ecológico, convertendo o planeta em ruína administrável e, por isso mesmo, em cenário privilegiado para interrogar a ética do progresso. Conforme Claeys (2017), o eixo ambiental refere-se ao ecocídio e ao colapso da biodiversidade. Nesse registro, a paisagem não é cenário neutro: ela condensa uma pedagogia do limite e obriga a comunidade a repactuar usos, ritmos e interdependências. O ambiental, longe de decorativo, torna-se vetor utopianista: aquilo que revela o desastre também orienta uma ética de recomposição.

No campo tecnológico, Claeys (2017, p. 216) argumenta que a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria intensificaram a ligação entre distopia e tecnologia, especialmente as armas nucleares, que condensaram o medo da aniquilação total em nome do progresso científico. O “Feixe Gama Alfa” encarna esse fantasma moderno da aniquilação “limpa”; porém, o romance insere a técnica num gradiente de apropriação: pilotar, cartografar, reativar infraestruturas são atos sem os quais o comum não se sustenta. Trata-se de reconhecer a ambivalência: a mesma tecnologia que mata também pode organizar quando deslocada de sua lógica de pureza para uma lógica de cuidado e partilha.

É precisamente esse trânsito — da tecnologia como instrumento imperial à tecnologia como meio de recomeço — que concretiza, no nível diegético, o utopianismo como prática. A narrativa confirma, portanto, a literatura como ensaio político do possível, em que

o desastre se transforma em ocasião de recomposição do comum. A obra ganha, assim, contornos alegóricos: o desaparecimento súbito da humanidade remete ao esgotamento de um modelo civilizacional, e o continente africano é apresentado como novo centro possível da reconstrução do mundo.

Pepetela articula, dessa forma, ficção científica e parábola social, ao mesmo tempo em que interroga os destinos históricos de África e do planeta. O “quase fim” converte-se em promessa de recomeço, em que a humanidade, forçada a encarar sua própria ruína, tem a chance de reinventar o sentido da vida e da convivência coletiva. Ao “lembrar o futuro” (Ashcroft, 2017), o texto testa instituintes — quem decide, com quem, com quais técnicas e em nome de quê — e confirma a literatura como ensaio político do possível, capaz de historicizar e reinventar o comum em chave pós-colonial.

Cabe, por fim, sublinhar a dimensão utópica que, longe de negar a distopia, a metaboliza: a cooperação entre sobreviventes, a valorização de saberes locais e a tentativa de recompor o comum sugerem a refundação do laço social. Em termos jamesonianos, utopia e distopia não são polos estanques, mas mediações dialéticas que historicizam o presente e desbloqueiam alternativas. Ao articular raça, tecnologia e futuro, *O quase fim do mundo* dialoga com o afrofuturismo na medida em que reinscreve a experiência africana no horizonte do porvir; contudo, afasta-se de eventuais tons celebratórios da técnica, preferindo tensionar a ambivalência entre ameaça e possibilidade — o que, argumentamos, constitui contribuição específica da literatura africana em língua portuguesa ao campo.

Considerações finais

Este artigo propôs uma leitura de *O quase fim do mundo*, de Pepetela (2008), à luz do afrofuturismo e das categorias de utopia e distopia, buscando demonstrar como a narrativa desloca o imaginário especulativo ocidental para o contexto africano. O percurso analítico permitiu sustentar três resultados centrais.

Em primeiro lugar, o cotejo com “O cometa”, de Du Bois, evidenciou duas operações críticas distintas: naquele, a catástrofe abre, mas logo fecha, a possibilidade de refundação — a ordem racial se recompõe; em Pepetela, a mesma catástrofe é tensionada como dispositivo de imaginação política, em que a reconstrução comunitária disputa o legado tecno-racial da destruição. O deslocamento cartográfico é decisivo: a África deixa de ser espaço marginal e se torna lugar de projeção de futuros possíveis.

Em segundo lugar, a leitura por meio dos eixos de Claeys (2017) - político, ambiental e tecnológico - revelou como o romance articula, numa mesma estrutura narrativa, a gramática eugenista, o colapso ecológico e a ambivalência da técnica. A retórica da “arma limpa” expõe a afinidade entre higiene tecnológica e purificação racial, convocando contracondutas comunitárias que o romance dramatiza pela cooperação entre sobreviventes, pela valorização de saberes locais e pela tentativa de recompor o comum.

Em terceiro lugar, à luz de Ashcroft (2017), o romance confirma a operação utopianista como função — não como produto. Ao “lembrar o futuro”, *O quase fim do mundo* testa formas instituintes: quem decide, com quem, com quais técnicas e em nome de quê. A negatividade distópica é metabolizada em ensaio político do possível, e a literatura se confirma como espaço de elaboração de futuros em chave pós-colonial.

Conclui-se, assim, que o romance de Pepetela demonstra a capacidade da literatura africana em língua portuguesa de elaborar futuros possíveis, articulando catástrofe, ancestralidade e tecnologia. Dialoga com o afrofuturismo ao reinscrever a experiência africana no horizonte do porvir; contudo, afasta-se de seu tom eventualmente celebratório da técnica, preferindo tensionar a ambivalência entre ameaça e possibilidade. O “quase fim” converte-se, assim, em convite ao recomeço — e a África, longe de figurar como espaço residual da modernidade, emerge como lugar de arquitetura do futuro.

Referências

ASHCROFT, Bill. **Utopianism in Postcolonial Literatures**. London; New York: Routledge, 2017.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África**: metodologia e pré-história da África. Tradução de Beatriz Turqueti et al. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982. v. 1. p. 181-218.

BEYONCÉ. **Cozy (Renaissance World Tour)**. YouTube, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i2QQo-5K_W4. Acesso em: 8 fev. 2026.

CLAEYS, Gregory. **Dystopia: a Natural History**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

DENUBILA, Rodrigo Valverde. Ficção científica afrofuturista: entre ancestralidade, marginalidade, ciência e pertencimento. **Itinerários**, Araraquara, n. 58, p. 223-240, jan./jun. 2024a. <https://doi.org/10.58943/irl.v1i58.18977>

DENUBILA, Rodrigo Valverde. Entre viagens intergalácticas e espaçotemporais: *Space Is the Place* e *Kindred*. **Outra Travessia**, Florianópolis, n. 37, p. 305-333, 1º sem. 2024b. <https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e98775>

DERY, Mark. Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: DERY, Mark. **Flame Wars**: the discourse of cyberculture. Durham; London: Duke University Press, 1994. p. 179-222.

DU BOIS, W. E. B. **Jesus Cristo no Texas e O cometa**: dois contos de ficção científica negra clássica. Tradução Francisco Araujo da Costa. Amazon, 2016.

FONSECA, Carlos Henrique; DENUBILA, Rodrigo Valverde. *O último ancestral na encruzilhada: uma proposta de leitura do afrofuturismo brasileiro*. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, e-139350, fev./maio 2024. <https://doi.org/10.22456/1981-4526.139350>

JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the Future**: the Desire Called Utopia and Other Science Fictions. London; New York: Verso, 2005.

PANTERA negra. Direção: Ryan Coogler. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos: Marvel Studios; Walt Disney Studios Motion Pictures, 2018. Filme.

PEPETELA. **O quase fim do mundo**. Alfragide: Dom Quixote, 2008.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

WOMACK, Ytasha L. **Afrofuturism**: the world of black sci-fi and fantasy culture. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.

